

» MARIANA REGINATO

Com mais de 30 anos de estrada, a trajetória de Planet Hemp nos palcos chega ao fim. A turnê *A última ponta* marca o último encontro de Marcelo D2, BNegão, Formigão, Pedro Garcia, Nobru e Daniel Ganjaman com o público. A despedida será na Arena

BRB Mané Garrincha e permite que os fãs escutem, mais uma vez, os maiores sucessos do grupo iniciado em 1993.

Planet Hemp deixa na história uma marca musical e política. Sempre engajados nas discussões e utilizando o som para debater pontos

de vista, o grupo incomodava, mas se manteve firme. Para Marcelo D2, Planet Hemp era um contraponto e levava informação. “A melhor forma de fazer isso era com a música, com um movimento musical. Eles sempre falaram que a gente era um bando de maconheiro, até

olharem nossas letras”, comenta o vocalista.

Em entrevista ao **Correio**, Marcelo D2 explica a decisão do fim, comenta sobre a relação da banda com a capital, onde foram presos em 1997, e destaca como Planet Hemp abriu grandes portas em sua vida.

Manifesto final

Planet Hemp
chega à capital com
A última ponta, turnê de
despedida dos palcos do
grupo que marcou o Brasil
com força musical
e política

Planet Hemp

ENTREVISTA // COM MARCELO D2

Como surgiu a ideia do fim do Planet Hemp?

Eu estou pensando nisso há um tempo já. O mais engraçado foi que quando eu falei com os caras sobre isso, ninguém deu um pulo para trás. Pensei que eles iam achar que eu estava maluco. Ninguém achou um absurdo, todo mundo entendeu. A gente tem 30 e poucos anos de banda, são poucas bandas que duram assim com relevância. O último disco que lançamos ganhou dois Grammys, foi incrível. A partir daí, me deu essa vontade de fechar esse projeto. Acho que deu aquela sensação de que o trabalho foi feito. Já fizemos um belo trabalho. Para a gente, é uma honra ter participado dessa banda, ter feito essa banda. A gente sofreu muito, porque dá muito trabalho. Não é fácil ser do Planet Hemp. Chega uma hora que as pessoas estão tendo que fazer outras coisas. A gente está muito afim de caminhar para outro universo. Para ter relevância, tem que estar 100% na banda, isso não está acontecendo. Então, se for para a banda ficar meio mole, é melhor que acabasse. Acho que a gente tomou uma bela decisão. A gente acaba e continua sendo muito amigos, a gente trabalha junto em outros projetos. Acho que é o melhor momento para terminar mesmo.

O que você acha que te marcou no início da carreira fez com que a banda durasse até hoje?

A morte do Skunk. O Planet Hemp é um sonho do Skunk. Ele viu em mim um cara que sabia escrever.

E isso foi muito louco porque a morte dele foi impactante para os dois lados. Foi triste para caramba. Todo mundo quase morreu junto com ele, mas ao mesmo tempo, deu-nos força para bater o pé e seguir firme e forte. Isso foi muito maneiro, a gente conseguiu manter o nosso caminho por 30 anos sem dar brecha. Acho que a morte dele talvez tenha sido o momento mais difícil e mais importante para a banda.

Vocês sempre foram muito políticos e os álbuns sempre acabam saindo em momentos importantes da política, até o último. Esses momentos de indignação dão essa força para a música?

Acho que eu escrevo melhor nesses momentos. Eu vim de uma escola de Public Enemy, Racionais, o rap e o punk rock foram uma escola. *Jardineiros* (álbum de 2022) é realmente uma resposta nossa a uma vontade de participar daquele momento político. A gente queria dar uma opinião nossa do jeito que a gente acha que deveria ser. A gente sempre teve muito ataque, até hoje. As redes sociais deram essas armas, principalmente para a extrema-direita. Foi muito doloroso fazer o *Jardineiros*. O disco não foi fácil, porque depois de velho, reviver tudo e perceber que nada mudou, que estamos quase no mesmo lugar. Depois de 20 anos de ditadura militar, os caras estão querendo de novo. É muita burrice, muita

falta de conhecimento de história. No dia que saiu o disco, eu chorei, fiquei triste. Um disco de 2022 que a gente tem que falar de fascismo.

Eu queria que você comentasse um pouquinho sobre Brasília, cidade com histórias complexas para o Planet Hemp. Qual a sensação de voltar agora com uma turnê de despedida?

Essa complexidade é que faz o Planet Hemp. Se não tivesse Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, a gente foi perseguido no Paraná para caramba, o interior do Rio Grande do Sul. É o outro lado da balança disso tudo. Brasília com todos esses queridos políticos fazendo as merdas deles e eles não iam ficar quietos quando alguém vem reclamar deles. A gente foi preso em Brasília e foi o melhor lugar para a gente ser preso. Eles foram muito burros. A gente tinha dois discos de ouro, quando a gente saiu da cadeia, a gente tinha dois discos de platina. Chamaram a atenção para tudo, tudo aquilo que a gente queria. Tirando essa parte de política, a gente tem uma história muito bonita com Brasília. O rock dos anos

A ÚLTIMA PONTA

Hoje, a partir das 23h, na Arena BRB Mané Garrincha. Ingressos a partir de R\$ 82,50 (meia entrada arena) + taxa da Eventim. Classificação indicativa: 16 anos.

1980, depois a nossa geração dos anos 1990, tanta banda legal que a gente mascava, que era contemporânea da gente. A cena foi muito maneira, a gente teve uma coisa muito legal com as bandas de Brasília, que sentiram que a gente estava dando continuidade ao que eles sonharam. Eu acho Brasília uma cidade muito rock. A gente tem uma ligação muito forte com Brasília, por isso que a gente está passando aí.

Como você está se sentindo agora que vai subir no palco com a última turnê e qual a maior marca do Planet Hemp nesses 30 anos?

Meio difícil, eu estou feliz para cacete, triste para caramba. Eu estou vivendo um meio-luto, mas eu não quero que seja um luto, eu quero que seja uma festa de encerramento, não uma despedida triste. Eu tenho muito orgulho de ter feito essa banda. O Planet Hemp não é uma banda comum. A gente é quase que um movimento, um sindicato. Tem muita gente em volta, essa banda começou comigo e com o Skunk lá em 1992, depois entra Formigão, Rafael, Bacalhau, vem o BNegão, o Black Alien, Marcelo Yuka. A história do Planet Hemp tem uma coisa, a gente teve que sobreviver a cada dia. Testou muito nossa honra, a nossa palavra. É por isso que a gente está acabando depois que decidimos, vamos manter a palavra. Eu sei que é um momento que a palavra não vale muito, as pessoas não estão mais acostumadas.

A gente vai acabar, nosso trabalho vai, mas a banda vai continuar existindo, nossos discos estão por aí. A ideia, a partir de agora, é um manifesto final. Tem a turnê, a gente vai fazer um livro, um documentário. É o nosso manifesto final. Então, até o final do ano a gente termina isso.

Qual o legado da banda para você?

A ideia de ter feito essa banda é muito louca, porque ela me deu muita oportunidade. Me fez caminhar com muita gente legal. Eu cresci do lado de Chico Science, Marcelinho Yuka, Skunk, Speedfreaks, Black Alien, BNegão, essa era a minha galera. Foi um grande privilégio para um moleque favelado que mal estudou, que teve que estudar aos trancos e barrancos. Ter tido tanto conhecimento, tanta gente inteligente, interessante e interessada. Eu carreguei isso comigo, vou carregar para o resto da vida. Tem uma coisa um pouco triste nisso, mas eu acho que a gente tem que ser maior do que isso. Fechar isso está sendo muito importante para mim e para o Planet Hemp. O BNegão sempre fala que somos uma banda underground que habita o mainstream. A gente habitou o mainstream sem entrar nessa de comprar carrões e se deslumbrar com isso. Mantemos nosso papo firme, mesmo sendo assediado por sacos de dinheiro. Eu bato no peito e falo: “Esse aqui é o Planet Hemp do Rio de Janeiro”. Vamos virar lenda agora. Agora somos uma lenda urbana. Saci Pereré, Curupira e Planet Hemp.